

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



SUMÁRIO



INTRODUÇÃO.....	9
1914 O SUICÍDIO DA EUROPA.....	17
1915 BLOQUEIO SUBMARINO.....	43
1916 FORÇAS DESPREPARADAS.....	57
1917 A GUERRA CHEGA AO BRASIL.....	79
1918 A LONGA TRAVESSIA.....	115
LEGADO.....	181
FONTES PRIMÁRIAS.....	197
BIBLIOGRAFIA.....	201
O AUTOR.....	207

INTRODUÇÃO



“A guerra é um dos problemas centrais de nosso tempo: há quem diga que é o problema central”

Norberto Bobbio

Fazia muito tempo que a Europa não experimentava um período tão prolongado de paz. Desde a Antiguidade, as guerras foram inúmeras no continente. Ao longo dos séculos, os intensos conflitos medievais e os enfrentamentos religiosos e dinásticos da Idade Moderna provocaram a morte de milhões de pessoas e um nível de destruição em larga escala. A partir da derrota de Napoleão Bonaparte em Waterloo, contudo, o Velho Continente desfrutou de quase um século de paz, ocasionalmente interrompida por conflitos de pequena amplitude. A atmosfera pacífica não passou despercebida ao historiador britânico Eric Hobsbawm, que caracterizou o período como aquele onde

a paz era o quadro normal e esperado. [...] Desde 1815 não houvera nenhuma guerra envolvendo as potências europeias. Desde 1871, nenhuma nação europeia ordenara a seus homens em armas que atirassem nos de qualquer outra nação similar.¹

Na esteira da Revolução Industrial, que trouxe o progresso científico e os avanços tecnológicos, o céu europeu parecia limpo e claro. A partir da segunda metade do século XIX, os países do continente experimentaram um rápido processo de urbanização, o comércio se desenvolveu e, na medida do possível, havia boas relações entre os vizinhos. Mas, apesar da aparente calma, no alvorecer do novo século nuvens carregadas ameaçavam o frágil equilíbrio geopolítico vigente.

A cadeia de eventos que teve início com a ascensão da Alemanha, após sua unificação em torno da Prússia, e o estabelecimento de alianças político-militares reunindo as principais potências continentais resultou em um confronto generalizado – a Primeira Guerra Mundial –, lançando a Europa em um banho de sangue sem precedentes na história da humanidade. A matança recíproca nos campos de batalha justificou a caracterização do conflito como “o suicídio da Europa”, expressão formulada pelo vencedor do prêmio Nobel de literatura Romain Rolland, em um manifesto pacifista.²

O conflito inaugurou a era da guerra total, diferente de todos os anteriores, que, de forma geral, caracterizavam-se por enfrentamentos curtos, nos quais não havia invasão territorial, o número de baixas era relativamente pequeno e envolviam poucos países beligerantes. Na Primeira Guerra Mundial foi diferente, os embates foram longos, bem mais intensos do que os países esperavam ou se prepararam economicamente. A partir de 1914, as economias das nações envolvidas precisaram se voltar para o conflito e a indústria, os investimentos estatais e a mão de obra se concentraram na economia de guerra. O conceito de “guerra total” foi elaborado ainda no século XIX, pelo general prussiano Carl von Clausewitz, em sua clássica obra *Da guerra (Der Krieg)*.³ A principal lição de Clausewitz para as guerras modernas consistia na aniquilação do exército rival por intermédio da batalha e da força. Em sua visão, era imprescindível que a ideia de guerra absoluta fosse retomada. Muitos





Submarino alemão
da classe UB-III
enfrentando
mar agitado.



dos comandantes militares da guerra – como Foch e Moltke – foram fortemente influenciados pela ideologia do teórico prussiano e, por isso, enfatizaram a importância da destruição do adversário.⁴

Em seu tratado *A guerra total (Der total Krieg)*, o general alemão Erich von Ludendorff reforçou essa visão da guerra, dando-lhe uma perspectiva ainda mais sombria e tenebrosa. Se a “guerra total” era um conflito que obrigava a mobilização global e total das sociedades nacionais com vista a um enfrentamento entre povos, seu resultado não poderia ser outro senão o extermínio e o aniquilamento do derrotado. Para Ludendorff, a “guerra total” consistia em um choque total dos contendores em luta, com todos os seus recursos e forças, até a morte de um deles.⁵

A Primeira Guerra Mundial, ou Grande Guerra, como foi chamada pela imprensa da época, irrompeu em 1914 e se estendeu por quatro anos.⁶ O conflito global teve consequências tão profundas que, vinte anos mais tarde, conduziram o mundo a um novo e mais devastador confronto: a Segunda Guerra Mundial. Depois de 1918, as fronteiras da Europa foram redesenhadas, impérios faliram pelos custos do conflito, ao mesmo tempo que novas potências mundiais se ergueram: os Estados Unidos da América (EUA) se consolidaram e a União Soviética, herdeira da Rússia czarista, apresentou-se ao mundo. Com a economia mundial em ruínas, a sociedade também se modificou em decorrência da guerra, e as relações de poder, trabalho e, até mesmo, de gênero ganharam novos moldes. As mulheres conquistaram o mercado de trabalho e os operários das fábricas foram às ruas em busca de uma legislação que contemplasse suas necessidades. No plano internacional, novos parceiros comerciais se associaram, na mesma medida em que tradicionais linhas de negócio foram irremediavelmente rompidas.

A guerra chegou ao Brasil pelo mar, quando navios mercantes brasileiros começaram a ser afundados por submarinos alemães, que desenvolviam uma campanha de bloqueio naval contra a navegação Aliada. Diante dos ataques, em 1917 o Brasil reconheceu estar em estado de guerra contra a aliança liderada pela Alemanha e uniu-se, ainda que de forma modesta, ao esforço internacional contra os germânicos. No último ano do conflito, 1918, o governo brasileiro deu sua contribuição,



enviando uma Divisão Naval para patrulhar a costa ocidental da África; uma missão médica militar e um grupo de oficiais do Exército para a França; e um grupo de aviadores navais para treinamento e posterior atuação em combate na Grã-Bretanha, Itália e EUA. Diante da participação das Forças Armadas brasileiras no conflito, surgem algumas indagações: o Brasil estava preparado para enfrentar uma “guerra total”? Qual foi a nossa contribuição para os Aliados no conflito? A atuação dos brasileiros na Grande Guerra trouxe consequências positivas para o país? As Forças Armadas nacionais se modernizaram? O propósito da presente obra é justamente procurar responder a esses questionamentos e lançar uma luz sobre esse pouco conhecido episódio da história militar brasileira.

Em razão de ter sido travada, em sua maior parte, no solo europeu e devido ao elevado número de combatentes dos países do continente – calcula-se em 60 milhões a quantidade de mobilizados –, a memória histórica da Grande Guerra é bastante viva na Europa, porém vista com olhares diferenciados de um país para o outro. No ano do centenário do início da guerra, 2014, a imprensa internacional deu amplo destaque para a cobertura das solenidades e eventos realizados na Europa. Alunos britânicos visitaram os campos de batalha em Flandres e o Dia do Armistício (11 de novembro) foi comemorado como feriado na França. Na Alemanha, contudo, a Grande Guerra permaneceu esquecida durante anos, até a chegada do centenário, quando filhos e netos buscaram saber o grau de envolvimento de seus pais e avós, demonstrando o profundo enraizamento nas memórias familiares.

Pelas mesmas razões, mas em sentido oposto, no Brasil pouco se fala ou se estuda sobre o conflito de 1914-1918. Nossa participação foi reduzida e envolveu, de forma direta, uma pequena parcela da população – menos de 2.000 pessoas –, o que leva a Grande Guerra a ser uma desconhecida do público brasileiro, seja na memória coletiva ou nos livros escolares. Comparativamente, observa-se que a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, que envolveu o envio de uma força expedicionária e de um grupo de aviação para a Itália, bem como o patrulhamento antissubmarino do Atlântico Sul, é hoje bem mais familiar aos brasileiros.



Esse silenciamento da memória é potencializado pela carência historiográfica sobre o tema, havendo muito poucas obras com uma abordagem direta sobre a participação brasileira na Grande Guerra. Nesse sentido, na oportunidade em que se rememora o centenário do conflito, outra intenção deste livro é revisitar a história da participação das Forças Armadas do Brasil no conflito.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa realizada para produzir a presente obra foi norteada sob a perspectiva da nova História Militar, que possui, como objeto, o estudo da guerra em todas as suas abordagens e com as respectivas interfaces com disciplinas afins, como a Sociologia, a Geografia, a Geopolítica, a Economia, a Ciência Política, as Relações Internacionais, dentre outras. Na concepção do historiador e professor Paulo Parente,

devemos entender a Guerra como uma estrutura histórica dinâmica no tempo das civilizações, como outras estruturas históricas de investigação definidas pelos historiadores, tais como a economia, a religião, o direito dentre outras. [...] Portanto, o historiador da nova história militar não deve trabalhar o conceito de Guerra como um conceito absoluto, mas sim como um conceito histórico relativo e instrumental, pautado por uma metodologia específica.⁷

Nesse sentido, realizamos uma revisão bibliográfica nas obras disponíveis na historiografia sobre o tema, e buscamos documentos e fontes primárias em arquivos e museus, privados e governamentais, no Brasil e no exterior. Dentre as instituições e arquivos consultados, figuram a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, o Arquivo Histórico do Exército, o Centro de Documentação da Aeronáutica, o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, o Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, o Arquivo do Itamarati, o Museu Naval, o Museu Histórico do Exército, o Museu Aeroespacial, o Senado Federal, a Câmara dos Deputados, o Arquivo Público do Estado de São Paulo, a Fundação Getúlio Vargas, o Imperial War Museum, a Biblioteca Nacional de la República Argentina, o National Archives do Reino Unido, os portais FirstWorldWar.com, U-boat.net, Project Gutenberg e Project Dreadnought. Adicionalmente,



foram analisadas matérias e reportagens publicadas em periódicos brasileiros e estrangeiros, como os jornais *La Nación*, *The New York Times*, *The New York Herald*, *Le Figaro*, *BBC*, *El País*, *Deutsche Welle*, *Jornal do Commercio*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de São Paulo*, *Correio da Manhã*, *A Cigarra*, *A Noite*, *Fanfulha*, *Lanterna*, *Daily Mail*, além de outros.

Dentre tantos documentos que tivemos acesso durante o percurso de nossa pesquisa, um nos chamou atenção de modo especial, pertencente ao acervo do Arquivo Histórico do Exército. O Ofício nº 13, datado de 7 de janeiro de 1919, do general Napoleão Felipe Aché, chefe da Comissão de Estudos de Operações de Guerra e de Aquisição de Material na Europa, endereçado ao coronel Dr. Nabuco de Gouvêa, chefe da Missão Médica Militar Brasileira, que assinalava o seguinte:

Se um dia, minucioso historiador, na grande obra desta última guerra, quiser dedicar um capítulo ao nosso querido país, não poderá deixar de registrar a boa impressão deixada pelos seus representantes combatendo na *front*, sem receios nem temores [...].⁸

Decorrido um século da participação do Brasil na Grande Guerra, entendemos que chegou a hora de fazer justiça e evidenciar o papel desempenhado pelos brasileiros, ainda que modesto, mas com a convicção de que o conflito teve um custo para o Brasil. Ao todo, quase duzentos brasileiros perderam a vida nos navios e nos campos de batalha da Europa, a maioria vitimada pela pandemia de gripe espanhola e outros em decorrência de acidentes durante as operações. Nomes como Eugênio Possolo, Scylla Teixeira, Paulo de Mello Andrade, José Brasil da Silva Coutinho, Octávio Gomes do Paço, Roberto Mariante, Saturnino Furtado de Mendonça, Arlindo Dias dos Santos, Carlos de Andrade Neves, Paulo Monteiro Gondim Júnior, Asdrúbal Alves de Souza, João Franco, Antônio Gomes Cerqueira, Cecílio Ernesto da Silva, Antônio Pereira, Joaquim Martins Pereira, Antônio Pedrosa Novaes de Abreu, César Seabra Muniz, Álvaro Luiz Fernandes, Oldemar Lemos, Raul de Mattos Costa, Antônio Moura Lima, Octaviano Vargas de Souza e tantos outros anônimos, virtualmente desconhecidos do público em geral, sacrificaram suas vidas em favor do esforço de guerra Aliado e na defesa das cores verde e amarelo na Grande Guerra.

Em memória a esses brasileiros é que dedicamos este livro.



Notas

- ¹ Eric Hobsbawm, *A era dos impérios 1875-1914*, São Paulo, Paz e Terra, 2009.
- ² Romain Rolland, *Au dessus de la mêlée*, Paris, Ollendorf, 1915.
- ³ Carl von Clausewitz, *Da guerra*, São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- ⁴ Fernand Schneider, *História das doutrinas militares*, São Paulo, DIFEL, 1975, p. 17.
- ⁵ Erich von Ludendorff, *A guerra total*, Rio de Janeiro, Inquérito, 1941.
- ⁶ De acordo com Sondhaus (2015, p. 13), “em setembro de 1914, em declarações citadas pela imprensa norte-americana, o biólogo alemão e filósofo Ernst Haeckel fez a primeira referência registrada ao conflito como ‘Primeira Guerra Mundial’ [...]”. No entanto, segundo o autor, “o rótulo de ‘Primeira Guerra Mundial’ só se tornaria corrente depois de 1939, quando a revista *Time* e uma série de outras publicações popularizaram seu uso como corolário da expressão ‘Segunda Guerra Mundial’.” Neste livro, utilizaremos a expressão corrente da época: “Grande Guerra”.
- ⁷ Paulo André Leira Parente, “A construção de uma nova história militar”, em *Revista Brasileira de História Militar*, Rio de Janeiro, n. 1, dez. 2009, disponível em <<http://www.historiamilitar.com.br/artigo1RBHMO.pdf>>, acesso em 2 out. 2015, p. 2.
- ⁸ Ofício nº 13, do general Napoleão Felipe Aché, chefe da Comissão de Estudos de Operações de Guerra e de Aquisição de Material na Europa, ao Sr. Coronel Dr. Nabuco de Gouvêa, chefe da Missão Médica Militar Brasileira, de 7 de janeiro de 1919. Acervo do Arquivo Histórico do Exército.

